

Uma academia para resgatar o valor da educação liberal

O mundo recebeu recentemente a grata notícia de que um grupo de famosos estudiosos constituiu uma nova organização dedicada à recuperação da educação universitária. Chama-se Academia Americana para a Educação Liberal, e é chefiada por personalidades preeminentes como o crítico e historiador da Universidade de Colúmbia, Jacques Barzun, e Edward O. Wilson, professor de ciência de Harvard. Seu objetivo é restaurar a educação liberal como ela era conhecida. Ou seja, como era conhecida antes que legiões de indivíduos ortodoxos do ponto de vista político conseguissem transformar tantas instituições do saber em centros de treinamento ideológico.

A organização pretende, entre outras coisas, tornar os padrões acadêmicos substancialmente mais rigorosos. E afirma, de modo explícito, que a liberdade de expressão e de pensamento é essencial para a investigação intelectual.

As preocupações dos estudiosos que constituíram a Academia Americana para a Educação Liberal abarcam todos os aspectos da educação universitária — inclusive o fenômeno da inflação de notas, pela qual notas como A (distinção) e B (plenamente) são distribuídas praticamente como um "direito" do estudante. Como Jacques Barzun nos afirmou, "o declínio do juízo de qualidade se equipara ao próprio declínio da qualidade".

Seu grupo pretende criar cursos obrigatórios de ciências, matemática, línguas, literatura, e garantir que os estudantes obtenham uma sólida base em Civilização Ocidental. (Sua sede fica no número 1015 da Eighteenth St., N. W., Washington, D.C., 20036.) Mas nenhum aspecto dessa operação de salvamento da educação superior será mais importante do que o dirigido para a proteção da liberdade de expressão e de

pensamento. A notícia da formação desse grupo é particularmente encorajadora, tendo em vista o que está ocorrendo atualmente na University of Pennsylvania.

Ali, conforme os nossos leitores foram informados recentemente, um estudante foi convocado diante de um tribunal num campus, ameaçado de possível expulsão, porque chamou um grupo de estudantes que promoviam algazarra debaixo da janela de seu dormitório, de "búfalas" — termo que está sendo considerado uma ofensa em termos de raça. O presidente da universidade, Sheldon Hackney — nomeado por Clinton para chefiar o Fundo Nacional para Ciências Humanas —, insiste em que esse grotesco procedimento contra seu estudante vá até o fim.

A razão, segundo ele, pela

qual a universidade precisa levar adiante esse procedimento é que as estudantes da associação das universitárias que o estão acusando de tê-las agredido do ponto de vista racial, se sentem "parte lesada". Será que o fato de elas se sentirem lesadas justifica a campanha punitiva da administração contra um estudante — por empregar um termo que claramente não possui nenhuma conotação de ofensa racial? Sim, disse o presidente Hackney, o sentimento das estudantes exige uma reparação.

Obviamente, esse tipo de coisa não é tão raro assim, principalmente nas universidades que contratam figuras como Robin Read para a função de investigador legal da Penn, com a finalidade de supervisionar a maneira de expressar-se dos estudantes. Mas quando notícias de casos como esses

vazam de trás das paredes de pedra, não chegam em geral a ser perfeitamente digeridas pela plebe.

Um editorial do Philadelphia Daily News observa: "É difícil imaginar jovens cérebros brilhantes sendo educados por um bando de idiotas, mas, aparentemente, é o que está ocorrendo em Penn". Um membro do conselho da União Americana das Liberdades Civis de Massachusetts declara que "a administração da Penn é uma das mais velhacas e covardes das universidades importantes".

Este último comentário poderia referir-se a um recente incidente, no qual não foi manifestada nenhuma grande preocupação oficial quando um grupo de estudantes negros e de origem hispânica roubou e destruiu todos os 14 mil exemplares do jornal dos estudantes, o Daily Pensyl-

vanian, porque publicara o trabalho de um escritor conservador. Nat Hentoff fala num artigo do Village Voice do comentário de Hackney, segundo o qual o roubo dos jornais mostra que "dois importantes valores universitários — a diversidade e a livre expressão — se mostram aparentemente conflitantes".

Nem todo mundo na comunidade acadêmica acha difícil solucionar esse conflito. Num fórum sobre universidades e liberdade de expressão, realizado recentemente em Harvard, o professor Randall Kennedy, da Escola de Direito de Harvard, colocou em dúvida a estreita relação entre a liberdade de expressão e a Primeira Emenda.

Segundo a Harvard Gazette, o órgão oficial da universidade, a respeito da "justificativa" do professor Kennedy, ele teria pon-

derado: "Uma universidade precisa estabelecer padrões próprios porque a Suprema Corte pode resolver tanto de um modo quanto de outro nos casos de liberdade de expressão. Se o tribunal, por exemplo, determinasse que gritar epítetos raciais goza de proteção da Constituição, então Harvard deveria oferecer menos liberdade de expressão do que a sociedade em que se insere".

Será isso uma ponderação? Evidentemente, o professor Barzun e seus colegas da Academia Americana para a Educação Liberal foram suplantados em seu trabalho de restauração dos padrões de pensamento, julgamento e realização nas principais instituições de ensino superior do país.

Reproduzido com a autorização do The Wall Street Journal. Copyright (1993) Dow Jones & Company Inc. Todos os direitos reservados no mundo.